



Independência em perspectiva ecocrítica: decliNações ecológicas na obra de Pepetela

Jessica Falconi¹

RESUMO

O artigo apresenta uma análise em perspectiva ecocrítica de um conjunto de obras do autor angolano Pepetela, a saber, *Mayombe* (1980), *O Cão e os Caluandas* (1985), *Parábola do Cágado Velho* (1996) e *Predadores* (2005), cobrindo, assim, um arco temporal de duas décadas e meia, o que corresponde à metade do tempo decorrido desde a independência de Angola até ao presente. Recorrendo a modelos analíticos e perspectivas teóricas de vários estudiosos da ecocrítica, o artigo analisa as quatro obras narrativas mencionadas no intuito de mostrar que Pepetela concebe o ambiente e os problemas ecológicos como elementos chave da representação da nação angolana e dos desafios que a mesma foi enfrentando desde a independência.

Palavras-chave: Ecocrítica – ficção angolana – Pepetela.

¹ Jessica Falconi é Vice-Presidente do CEsa-Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento do ISEG, Universidade de Lisboa e investigadora na mesma instituição. É professora auxiliar convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leciona na área de Estudos Africanos. É membro colaborador do CLEPUL-Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeas, onde integra o projeto ERC-Artives, coordenado por Kamila Krakowska. É também investigadora do projeto Horizon Europe *Democracy in Action*, sediado na Universidade de Leiden.



Introdução

Este artigo propõe uma análise em perspectiva ecocrítica de um conjunto de obras de Pepetela, no intuito de mostrar o modo como este autor tem vindo a incorporar, nas suas narrativas, as questões ecológicas enfrentadas pela sociedade angolana desde a luta de libertação até às décadas mais recentes.

Como demonstra a bibliografia crítica sobre o autor², a obra de Pepetela é maioritariamente encarada como reconstrução ficcional de momentos cruciais da história da formação da nação e do Estado angolanos e como retrato singular das peculiaridades sociais e culturais dos seus povos. Sem negar a validade e pertinência destas leituras, que, de facto, realçam traços estruturantes do universo literário pepeteliano, este artigo, no entanto, pretende iluminar outros aspectos a que chamarei de “decliNações³ ecológicas”, pois as representações das relações entre humano e não-humano que povoam as ficções do autor estão intimamente ligadas à representação dos desafios que a nação angolana tem vindo a enfrentar antes e depois da independência. Salvo raras exceções⁴, tais “decliNações” ainda não receberam suficiente atenção por parte dos estudos literários. Este artigo pretende, assim, colmatar esta lacuna e contribuir para o avanço dos estudos de ecocrítica sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, ao abordar um autor fundamental do cânone literário angolano.

Para iluminar o que poderíamos definir de ambientalismo literário de Pepetela, debruçar-me-ei sobre alguns aspetos das seguintes obras: *Mayombe* (1980), *O Cão e os Caluandas* (1985), *Parábola do Cágado Velho* (1996) e *Predadores* (2005), cubrindo, assim, um arco temporal de duas décadas e meia, o que corresponde à metade do

² Ver, entre outros, CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia (org.) *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009; MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana – o caso de Pepetela*. Lisboa: Colibri, 2012; SCHURMANS, Fabrice. *O Trágico do Estado Pós-colonial. Pius Ngandu Nkashama, Sony Labou Tansi, Pepetela*. Coimbra: Almedina, 2014; ROTHWELL, Phillip. *Pepetela and the MPLA: The Ethical Evolution of a Revolutionary Writer*. Cambridge: Legenda, 2019.

³ Sobre o uso da palavra DecliNações ver FALCONI, Jessica. Para além da Nação? Outras DecliNações nas literaturas africanas de língua portuguesa. *Abriu* 10, 2021, p. 9-38, disponível em <https://revistes.ub.edu/index.php/Abriu/article/view/36786>.

⁴ Ver WALLER, Thomas. The Blue Cultural Fix: Water-Spirits and World-Ecology in Jorge Amado's *Mar Morto* and Pepetela's *O Desejo de Kianda*. *Humanities* 9, 72, 2020, p.1-14; FALCONI, Jessica. Águas pós-coloniais em romances angolanos e moçambicanos. *Caligrama* 29, 1, 2024, p.75-86, disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/53926/44748>.



tempo decorrido desde a independência de Angola até ao presente. Embora se trate de um corpus grande para um artigo, a sua seleção prende-se com a oportunidade de abordar vários tropos ecocríticos e problemas ecológicos⁵, tais como a presença da floresta, o relacionamento entre humanos e animais, a representação do ambiente impactado pela guerra, a exploração dos recursos e a mercadorização da vida própria da era neoliberal. Estes tópicos emergem na obra do autor associados a diferentes fases da história de Angola, tais como a luta de libertação nacional, os primeiros anos do pós-independência, a guerra civil e a viragem neoliberal. Para abordá-los, do ponto de vista metodológico, valer-me-ei das técnicas de análise literária do *short-reading*⁶ para focar os tópicos em questão sem pretender analisar as obras na sua totalidade.

As perspetivas teóricas que informam a análise proposta são múltiplas, privilegiando-se as recentes indagações ecocríticas no âmbito das literaturas do continente africano, em diálogo com algumas obras já clássicas da ecocrítica de matriz anglo-americana e da chamada “ecocrítica pós-colonial”, isto é, a mútua fertilização entre estudos pós-coloniais e estudos de ecocrítica, como se verá ao longo deste artigo. Tais perspetivas têm vindo a alimentar um debate muito atual nos estudos das literaturas africanas: o do papel destas literaturas nos estudos de ecocrítica e da necessidade de se promover uma descentralização do cânone mundial da literatura ambiental. Sobre este aspeto foram seminais os estudos de Caminero-Santangelo, que já em 2014 reconhecia a escassa atenção dada pela ecocrítica às literaturas africanas e sublinhava que autores e autoras africanas sempre incorporaram as questões ambientais em suas produções, dando especial relevo a uma perspetiva centrada na justiça ambiental⁷.

⁵ Retomando as palavras de John Passmore, Greg Garrard aborda a distinção entre “problems in ecology” e “ecological problems”, esclarecendo que “estes últimos são características das nossas sociedades”. Deste modo, continua Garrard, a ecocrítica não pode contribuir muito para os problemas na ecologia mas pode ajudar a definir, explorar e até resolver problemas ecológicos neste sentido mais amplo. Uma estratégia da ecocrítica é identificar as contribuições para os debates ambientais como exemplos de retórica. Ver GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. Oxon: Routledge, 2012, p. 6.

⁶ Técnica de análise literária que consiste na leitura atenta trechos de um texto com o objetivo de explorar os seus significados, recursos estilísticos e implicações simbólicas. Ver EAGLESTONE, Robert. *Doing English: A Guide for Literature Students*. Oxon: Routledge, 2000.

⁷ CAMINERO-SANTANGELO, Byron. *Different Shades of Green: African Literature, Environmental Justice, and Political Ecology*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2014.



Outros críticos, como Tanure Ojaide, sugerem que o ambiente é um aspecto central das experiências individuais e coletivas que informam as literaturas do continente⁸. Tópicos recorrentes, nas literaturas africanas, são, de facto, a desflorestação, o uso da terra e a gestão da água, a extração de recursos minerais e fósseis e seus impactos nas comunidades locais, bem como as consequências do chamado “desenvolvimento” tanto no período colonial quanto na contemporaneidade. De facto, um dos principais objetivos da ecocrítica pós-colonial tem sido questionar as ideologias ocidentais do desenvolvimento⁹. No entanto, é fundamental encarar os problemas ecológicos e seus impactos de acordo com as especificidades dos contextos do Sul Global, e não como meras abstrações a-históricas e universalistas. Como realçam Guha e Martin Alier “Poder-se-ia dizer, em termos gerais, que os países pobres e os indivíduos pobres não estão interessados na mera proteção das espécies selvagens ou dos habitats naturais, mas respondem à destruição ambiental que afecta diretamente o seu modo de vida e as suas perspectivas de sobrevivência”¹⁰. Estas perspectivas têm vindo a alimentar um posicionamento crítico e epistemológico definido pela expressão “o ambientalismo dos pobres” e é a partir deste debate que também é preciso encarar as literaturas africanas como formas específicas de representação ambiental e/ou ambientalista.

Por outro lado, mais recentemente, o trabalho de Cajetan Iheka propõe inovações importantes nos modos de ler ecocriticamente as literaturas africanas. Como afirma o autor “A ênfase na vida humana no crescente corpus de estudos ambientais na crítica literária africana não toma suficientemente em consideração a interligação das vidas humanas e não-humanas nas sociedades africanas

⁸ OJAIDE, Tanure. *Contemporary African Literature: New Approaches*. Durham: Carolina Academic Press, 2012, p. 65.

⁹ HUGGAN, Graham; TIFFIN, Helen. *Postcolonial Ecocriticism. Literature, Animals, Environment*. Oxon: Routledge, 2010.

¹⁰ Citação original “One might broadly say ... that poor countries and poor individuals are not interested in the mere protection of wild species or natural habitats, but do respond to environmental destruction which directly affects their way of life and prospect for survival”. GUHA, Ramachandra; MARTÍNEZ ALIER, Joan. *Varieties of Environmentalism. Essays North and South*. Oxon: Routledge, 1997, p. xx.



representadas nas obras literárias”¹¹. A partir do conceito de “proximidade”, Iheka elabora um modelo analítico extremamente útil para se analisarem estas interligações nas representações literárias, baseado em quatro categorias principais: a presença multiespécie, as relações inter-espécies, a agência distribuída e a indistinção entre entidades humanas e não-humanas.

O ecletismo teórico-crítico em que se fundamenta este artigo responde à visão da ecocrítica formulada por Hubert Zapf:

A ecocrítica (...), não é uma teoria ou metodologia unificada, mas uma plataforma para um diálogo transcultural e transnacional vivo, policêntrico e em desenvolvimento dinâmico, que só tem a ganhar com as direcções multi-vectoriais que ele produz, reconhecendo que estas direcções não representam verdades totalizantes mas perspectivas exploratórias num campo discursivo em constante mutação.¹²

Trata-se de uma visão, a meu ver, que traduz a ideia de sustentabilidade também para o plano teórico e crítico, apostando no diálogo e co-criação de sentido a partir de múltiplos “recursos”, capazes de alimentar e sustentar um campo de estudo multifacetado e diverso.

Retomarei e aprofundarei as várias perspectivas e conceitos assinalados nesta breve introdução na análise concreta das obras de Pepetela, mostrando como o autor incorpora declinações peculiares das relações entre humano e não-humano no contexto da longa caminhada de Angola durante e depois da luta pela independência.

Uma floresta atuante

Mayombe, escrito na década de 1970 e publicado apenas em 1980, é uma obra de destaque da produção literária de Pepetela e da representação da luta de libertação nacional na literatura angolana. Como o próprio título do romance assinala,

¹¹ Citação original “The emphasis on human life in the growing corpus of environmental scholarship in African literary criticism does not take sufficient cognizance of the interlinking of human and nonhuman lives in African societies represented in literary works”. IHEKA, Cajetan. *Naturalizing Africa: Ecological Violence, Agency and Postcolonial Resistance in African Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 2.

¹² ZAPF, Hubert. *Literature as Cultural Ecology*. Sustainable Texts. London: Bloomsbury, 2016, p. 50.



Mayombe situa-se numa região geográfica específica¹³, dominada por uma natureza que, como ilustrarei, acaba por ter um papel de relevo na representação da luta armada do MPLA contra o exército colonial português.

Num artigo recente, Adriana Aguiar abordou este romance sublinhando a relevância da representação da natureza. Embora não adote uma perspectiva ecocrítica, o artigo olha de modo especial para a floresta e apresenta intuições importantes para a minha análise. De facto, a autora afirma que “(q)uando se pensa a categoria espacial na literatura angolana, no primeiro momento o apelo à natureza é uma força atuante”¹⁴. Explorarei, nesta secção do artigo, a “força atuante”, não tanto do apelo, quanto da própria floresta, de modo a desenvolver uma análise ecocrítica da sua representação.

Cabe assinalar, por um lado, que a floresta tem vindo a ser equacionada como um espaço privilegiado de análise ecocrítica. De facto, no importante volume *Postcolonial Ecologies. Literatures of the Environment* editado por DeLoughrey e Handley¹⁵ há uma inteira seção dedicada às representações da floresta, intitulada “Forest Fictions”. Nesta seção, o capítulo de Wenzel, em particular, ilumina a relevância da floresta na produção literária ao abordar as suas representações enquanto espaço de inscrição cultural e de possibilidades alternativas, um espaço que é habitado por diferentes entidades humanas e não-humanas¹⁶.

Por outro lado, cabe realçar que num livro seminal para os estudos de ecocrítica, Lawrence Buell identificou algumas características essenciais do ambientalismo literário, a primeira das quais é que o ambiente não-humano está presente não apenas como dispositivo de enquadramento, isto é, como simples cenário, mas como uma presença que sugere a íntima relação entre história humana e natureza¹⁷. Em

¹³ O Maiombe ou Mayombe é uma região situada na África Central entre a província angolana de Cabinda, a República do Congo, a República Democrática do Congo e o Gabão.

¹⁴ AGUIAR, Adriana “Quando a violência colonial ecoa nas folhas da floresta e nas páginas literárias: *Mayombe* de Pepetela”, *Abril- Revista do NEPA-UFF*, vol. 10, n.20, 2018, p. 93

¹⁵ DELOUGHREY, Elizabeth; HANDLEY, George B. *Postcolonial Ecologies. Literatures of the Environment*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

¹⁶ WENZEL, Jennifer. *Forest Fictions and Ecological Crises. Reading the Politics of Survival in Mahasweta Devi’s “Dhowli”*. In DELOUGHREY, Elizabeth; HANDLEY, George B. Op. cit., p. 139.

¹⁷ BUELL, Lawrence. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture*. London: Princeton University Press, 1995, p. 7-8.



Mayombe a floresta desempenha precisamente este papel, não funcionando apenas como pano de fundo, mas atuando como uma força ecológica e vital que sustenta a reprodução da vida dos guerrilheiros em luta, contribuindo para a gestação da nação angolana independente. A propósito da floresta, Iheka realça que o ambiente sempre desempenhou um papel relevante nos movimentos africanos de resistência, citando o caso das revoltas do povo Mau-Mau no Quênia, que usaram a floresta na sua guerrilha contra o colonialismo britânico¹⁸. O mesmo aconteceu com o MPLA e é representado em *Mayombe*, onde a floresta funciona como espaço resistente e não apenas como trincheira, de acordo com a definição de Adriana Aguiar. A floresta é, de facto, uma entidade viva e vibrante, que participa ativamente na luta dos guerrilheiros. Veja-se, nesta perspetiva, o modo como o narrador descreve a construção da base da guerrilha:

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira.

Clareira invisível do alto, dos aviões que esquadrihavam a mata, tentando localizar nela a presença dos guerrilheiros. As casas tinham sido levantadas nessa clareira e as árvores, alegremente, formaram uma abóbada de ramos e folhas para as encobrir. (...) Os paus mortos das paredes criaram raízes e agarraram-se à terra e as cabanas tornaram-se fortalezas. (...) A folhagem da abóbada não deixava penetrar o Sol e o capim não cresceu em baixo, no terreiro limpo que ligava as casas. Ligava, não: separava com amarelo, pois a ligação era feita pelo verde.

Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira.¹⁹

Como se vê neste fragmento, os fenómenos naturais entrelaçam-se aos propósitos e processos humanos, sendo que o ambiente colabora nos seus próprios termos e ritmos – por exemplo “alegremente” – no procedimento de criação da base. As escolhas sintáticas e verbais deste trecho outorgam à natureza uma força e um poder autônomos e atuantes, tornando-a capaz de “parir” a base revolucionária. Recursos estilísticos semelhantes são utilizadas para narrar a procura de alimentação:

A comida faltava e a mata criou as «comunas», frutos secos, grandes amêndoas, cujo caroço era partido à faca e se comia natural ou assado. As «comunas» eram alimentícias, tinham óleo e proteínas, davam energia, por isso se chamavam «comunas» (...) O Mayombe tinha criado o fruto, mas não se dignou mostrá-lo aos

¹⁸ IHEKA, Cajetan. Op. cit., p. 4.

¹⁹ PEPETELA, *Mayombe*, Lisboa: Dom Quixote (5ª edição), 1993, p. 42



homens: encarregou os gorilas de o fazer, que deixaram os caroços partidos perto da Base, misturados com as suas pegadas.²⁰

É a floresta que gera os frutos e encarrega os gorilas de conduzir os homens a descobri-los. Por outras palavras, a base militar não é apenas fruto da ação humana mas de uma interação intensa e vital entre elementos humanos e não-humanos, um autêntico ecossistema de interrelações, como se lê também neste outro fragmento:

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos.²¹

O uso dos verbo “criar” e “gerar” intensifica a representação da floresta como força atuante e geradora de mudança, vida e possibilidade de desenvolver a luta. Na frase final deste fragmento, encontramos um exemplo do que Iheka define de indistinção entre humanos e não-humanos. Como já mencionado, Iheka parte do conceito de “estéticas da proximidade” para construir o seu modelo de análise das representações ambientalistas nas literaturas africanas. Para o autor, “a proximidade, aqui, tem duas conotações principais, nomeadamente, um sentido espacial de vizinhança, bem como uma forma de proximidade gerada por semelhanças e características partilhadas”²². É, precisamente, nestas duas conotações da proximidade que Pepetela tece a sua representação da floresta do Mayombe, apontando para uma ligação entre humanos e não-humanos de tal modo íntima que resulta numa indistinção física e simbólica. Corpos humanos e vegetais parecem aqui fundir-se numa espécie de simbiose geradora da força e ação revolucionárias. Pode-se ler nesta perspetiva também a afirmação de uma das personagens principais do romance, o comandante Sem Medo, em conversa com o Comissário enquanto procuram adormecer na floresta: “— De vez em quando mexe os braços e as pernas – disse Sem Medo ao Comissário. – Senão

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² Citação original: “Proximity has two connotations here: namely, a spatial sense of nearness as well as a form of proximity brought about by similarities and shared characteristics”. IHEKA, Cajetan. Op. cit., p. 22



podem ficar fixos ao chão, pois o clima aqui é tão fértil que, com a chuva, se criam raízes dum dia para o outro.²³ Por um lado, as raízes físicas imaginadas pelo comandante como resultado da fertilidade do clima, são também raízes simbólicas, pois o apego dos guerrilheiros à floresta aponta para o seu profundo engajamento na luta de libertação para a criação da nação angolana independente. Por outro lado, se a floresta é representada como entidade viva e protetora dos guerrilheiros, é verdade também o contrário, isto é, os guerrilheiros pretendem defender a floresta da exploração colonial capitalista. Daí as características semelhantes e partilhadas que remetem para a indistinção entre humanos e não humanos teorizada por Iheka. De facto, a violência colonial é evocada não apenas em perspectiva humana, mas também no que se refere ao plano ambiental, num episódio em que, mais uma vez, a floresta aparece como entidade vital:

Os guerrilheiros encavalitaram-se num enorme tronco caído. Deixara de respirar, monstro decepado, e os ramos cortados juncavam o solo. Depois de a serra lhe cortar o fluxo vital, os machados tinham vindo separar as pernas, os braços, os pêlos; ali estava, lívido na sua pele branca, o gigante que antes travava o vento e enviava desafios às nuvens. Imóvel mas digno. Na sua agonia, arrastara os rebentos, os arbustos, as lianas, e o seu ronco de morte fizera tremer o Mayombe, fizera calar os gorilas e os leopardos. Os guerrilheiros dispersaram para avançar. A serra mecânica – abelha furando um morro de salalé – continuava a sua tarefa. Havia o mecânico, que acionava a serra, e o ajudante, com a lata de gasolina e de óleo; mais atrás, quatro operários com machados.²⁴

Este fragmento, que se destaca pela densa representação do sofrimento orgânico e ambiental – a árvore que deixa de respirar – alude a um fenómeno histórico e económico específico. De facto, a economia colonial portuguesa fez da exploração da madeira, sobretudo na região de Cabinda, um dos seus pilares, com consequências profundas do ponto de vista ambiental. Não é por acaso que a personagem do Comissário, no romance, afirma: “Se impedirmos essa exploração de continuar a roubar a nossa madeira, é um golpe económico dado ao inimigo, está porreiro”²⁵. A política colonial capitalista de cunho extrativista negligenciava a conservação dos ecossistemas locais, pois não previa qualquer planeamento sustentável ou replantio,

²³ PEPETELA, op.cit. p.28

²⁴ Idem, p. 15

²⁵ Idem, p. 8



o que levou à degradação significativa das florestas tropicais da região²⁶. Essa exploração ambientalmente predatória reflete o padrão colonial de extração de recursos naturais com o objetivo de abastecer os mercados da metrópole, sem consideração pelos impactos ecológicos ou pela sustentabilidade a longo prazo²⁷. Percebe-se, assim, que para Pepetela representar a luta de libertação nacional travada pelos guerrilheiros angolanos significa também historicizar a natureza e refletir sobre a justiça e a independência ambiental, sendo a floresta um espaço fundamental a ser preservado contra a exploração colonial.

A crítica ao modelo colonial capitalista de cunho extrativista não refere apenas a exploração da madeira, mas aparece também no relato da vida da personagem de Muatiânvua, um dos guerrilheiros presentes na base, nascido na Lunda, “no centro do diamante”²⁸. A personagem relata que o seu pai morreu de tuberculose por ter trabalhado nas minas de diamantes. Encontra-se aqui mais um exemplo de indistinção entre humanos e não humanos, pois Muatiânvua afirma que “O brilho do diamante são as lágrimas dos trabalhadores da Companhia. A dureza do diamante é ilusão: não é mais que gotas de suor esmagadas pelas toneladas de terra que o cobrem.”²⁹ É sabido que a exploração de diamantes em Angola, durante muito tempo monopólio da Companhia Diamang, foi outro pilar da economia extrativista do colonialismo português, determinando regimes de trabalho semi-escravo e elevados impactos ambientais e de saúde³⁰. Mais uma vez, Pepetela incorpora questões de exploração da natureza na sua representação da luta de libertação nacional, salientando a importância da justiça ambiental e o impacto da política colonial na integridade do ecossistema. Como o inquérito de Rafael Marques demonstrou, a independência política, infelizmente, não trouxe uma mudança significativa neste âmbito, pois a exploração dos diamantes constitui uma atividade que continua a assolar a Angola

²⁶ Ver BIRMINGHAM, David. *Portugal and Africa*. Houndmills: Macmillan Press, 1999; CLARENCE-SMITH, Gervase. *The Third Portuguese Empire, 1825-1975: a study in economic imperialism*. Manchester: Manchester University Press, 1985.

²⁷ Ver HEYWOOD, Linda. *Contested Power in Angola, 1840s to the Present*. Rochester: University of Rochester Press, 2000.

²⁸ PEPETELA, op.cit., p.80

²⁹ Ibidem

³⁰ Ver CLARENCE-SMITH, Gervase, op. cit.



independente com custos elevados no que se refere aos direitos humanos e ambientais³¹.

Voltando à representação da floresta, cabe assinalar, por último, que além de espaço vivo, protetor e aliado da luta de libertação, ela é também representada no romance como lar de outras entidades não-humanas, isto é, os deuses. A presença de elementos mitológico-espirituais, assinalada logo na dedicatória do romance, onde o autor se refere a “Ogum, o Prometeu africano”, é retomada ao longo da narrativa em várias passagens, como por exemplo no seguinte fragmento:

E os guerrilheiros perceberam então que o deus-Mayombe lhes indicava assim que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam: Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvaguarda de Prometeu, arrependido de o ter agrilhado, enviando agora a águia, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer. (Terá sido Zeus que agrilhoou Prometeu, ou o contrário?)³²

Esta outra narrativa não-humana remete para uma representação da floresta do Mayombe como espaço também mítico onde residem as especificidades culturais de cariz espiritual. A ligação dos guerrilheiros aos deuses da floresta aponta para mais uma forma de proximidade e intimidade entre humanos e não humanos que participa do complexo e sagrado ecossistema da floresta. Pepetela apropria-se da mitologia grega clássica – o mito de Prometeu – ressignifica-a através da referência à cosmologia de matriz iorubá da África Ocidental – o mito de Ogum – e contextualiza-a no processo angolano de luta pela independência – o derrube do sistema colonial capitalista. Como realça Iheka, as formas de vida não-humana, materiais e sobrenaturais, são uma componente fundamental dos ecossistemas africanos e é comum nos autores africanos a sua representação literária³³.

Marcado por uma polifonia narrativa – cada personagem assume o papel de narrador através da fórmula repetida nos vários capítulos “Eu, o narrador” – *Mayombe* de Pepetela pode ser encarado como uma decliNação ecológica e ambientalista da luta

³¹ MARQUES, Rafael. *Diamantes de Sangue*. Corrupção e Tortura em Angola. Lisboa: Tinta da China, 2011.

³² PEPETELA, op. cit., p. 42

³³ IHEKA, Cajetan, op.cit., p.22



de libertação, na medida em que integra também vozes narrativas não-humanas ao representar o ambiente como espaço natural, histórico, político e cultural que desempenhou um papel crucial na criação da Angola independente.

Um cão pós-colonial

Publicado dez anos depois da independência de Angola, *O Cão e os Caluandas* é um retrato singular das condições de vida na cidade de Luanda nos começos da década de 1980, uma cidade marcada por uma profunda degradação social e ambiental, como refere uma das personagens: “uma Babilónia ingovernável, uma Torre de Babel. Os esgotos não funcionam, as ruas parecem queijos, as árvores imitam as ovelhas da Europa, tosquiadas rentes, os ratos confundem-se com coelhos, os passeios sujos, os prédios a feder de podres, a luz eléctrica sempre com falhas, os jardins mortos.”³⁴

O retrato da cidade compõe-se de vários episódios, narrados por diferentes narradores e através de distintos géneros textuais – relatos orais, relatórios oficiais, cartas, notícias de jornal – protagonizados por uma personagem igualmente singular: um cão pastor-alemão, que funciona como fio condutor deste mosaico narrativo. Como o trabalho de Tânia Mâcedo demonstra, esta obra insere-se na vasta e rica tradição da ficção angolana que elege a cidade de Luanda como lugar privilegiado de observação e crítica social³⁵. No entanto, a atenção da crítica literária para a cidade e a sociedade luandense tem por vezes escurecido a presença do animal e de outros elementos não-humanos nesta narrativa de Pepetela. Trata-se de uma tendência que Iheka identifica, de modo geral, nos estudos das literaturas africanas: uma tendência antropocêntrica que vê nas representações das formas de vida não humanas apenas metáforas e símbolos do universo humano. De acordo com o autor, o desafio de uma ecocrítica das literaturas africanas é, precisamente, recolocar estas formas não humanas no centro das práticas de leitura e análise, considerando-as seres de pleno direito e não apenas elementos que iluminam a dimensão humana. Coloca-se este desafio também para a abordagem de *O Cão e os Caluandas* pois a tentação de ver no cão apenas um pretexto para narrar a vida urbana é grande. No entanto, há que

³⁴ PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*, Lisboa: Dom Quixote, 5ª edição, 2006, p.18

³⁵ MACÊDO, Tânia. *Luanda*. Cidade e Literatura. São Paulo: Unesp, 2008



reconhecer que a obra tece críticas acirradas da burocracia, da corrupção e de outras mazelas da sociedade angolana, que na década de 1980 enfrentava o conflito armado entre MPLA e UNITA, os impactos da Guerra Fria e uma generalizada crise política, económica e social. Mas porquê escolher um cão - e outros elementos não-humanos - para tecer estas críticas e este retrato? Num artigo recente, Nazir Can defende que a presença do animal é um tropo característico que define a singularidade das literaturas africanas de língua portuguesa. Can explica esta presença alegando a relevância dos repertórios da oralidade e uma inversão simbólica de um mito imperial: “enquanto na literatura colonial o humano é animalizado, nas literaturas africanas o animal é humanizado”³⁶. Será esta presença uma especificidade das produções africanas em língua portuguesa? Os recentes estudos de ecocrítica parecem demonstrar que os animais e outras formas de vida não-humanas são presenças frequentes nas representações literárias do continente africano. Mais uma vez, o modelo analítico proposto por Iheka fornece ferramentas úteis para responder a esta pergunta. Este modelo desafia a crítica a ler a composição ecológicas das obras africanas como representação de ecossistemas complexos nos quais as entidades não-humanas são partes essenciais. Das quatro dimensões que Iheka identifica para teorizar uma “estética da proximidade” entre humano e não-humano, destacarei nesta secção do artigo aquelas que o autor define de “presença multi-espécie”, e “relações inter-espécies”. Trata-se de dimensões que realçam a presença de um ambiente partilhado entre humanos e não humanos, no qual as formas não humanas são igualmente relevantes, interagem com as humanas e possuem capacidade de agenciamento. Este modelo ecoa a reflexão seminal de Donna Haraway sobre a relação entre humanos e cães e a sua proposta de parcerias inter-espécies nas práticas afetivas e sociais. Para Haraway, os cães e outras espécies são definidas como “alteridades significativas”, e os cães em particular são “uma espécie em relação obrigatória, constitutiva, histórica e proteiforme com os seres humanos. A relação não é especialmente simpática; está cheia de desperdício, crueldade, indiferença,

³⁶ Citação original “(...) while in the colonial literature the human being is animalized, in the African literatures the animal is humanized”. CAN, Nazir. African Literatures in the Portuguese Language: Singularities. *The Cambridge Journal of Postcolonial Literary Inquiry* 10, 2, 2023, p. 154.



ignorância, e perda, bem como de alegria, invenção, trabalho, inteligência e brincadeira”³⁷. Estas perspectivas são relevantes para a obra de Pepetela pois é na proximidade entre o cão e os humanos, bem como no agenciamento atribuído ao animal e a outros elementos não humanos, que se tece a composição narrativa do retrato social.

Começarei esta breve análise da obra explicando o título desta seção pois constitui o seu cerne: o pastor-alemão protagonista dos relatos de Pepetela pode ser considerado um cão pós-colonial já que na narrativa emerge claramente uma transição da percepção social e cultural desta espécie. Através de vários comentários das personagens, Pepetela historiciza as representações e construções humanas do pastor-alemão: “Nos tempos, só os brancos que andavam com um mamífero atrás. Mas agora é a independência, até um patrício já pode. (...) Por isso mesmo um patrício podia ter um cão desses, que dantes só os brancos e polícias podiam ter. Porque o patrício tinha enriquecido? Não, mas porque o cão se tinha proletarizado”³⁸. O pastor-alemão era, portanto, associado ao poder colonial e à PIDE, a polícia política do regime colonial português. Trata-se de uma associação que remete para um tópico amplamente explorado nos *Critical Animal Studies*, isto é, a relação entre colonialismo e animais, e em particular, o modo como os animais foram reificados e utilizados como ferramentas de repressão colonial contra as comunidades locais³⁹. Como revela um diálogo entre duas personagens da narrativa de Pepetela, trata-se de um fenómeno que era comum também em Angola:

Esses cães são os que os polícias coloniais usavam para nos caçar antes de 61 e sobretudo depois.

Estão treinados para morder os patrícios. (...) Estes cães serviam para guardar as casas dos colonos, não deixavam entrar nenhum bumbo que não fosse criado da casa. Mordiam os negros, rosnavam nos mulatos, lambiam as mãos dos brancos...⁴⁰

³⁷ Citação original: “a species in obligatory, constitutive, historical, protean relationship with human beings. The relationship is not especially nice; it is full of waste, Cnlelty, indifference, ignorance, and loss, as well as of joy, invention, labor, intelligence, and play”. HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003, p. 12-13

³⁸ PEPETELA, op. cit., p. 6.

³⁹ STRUTHERS MONTFORD, Kelly; TAYLOR, Chloe. *Colonialism and Animality*. Anticolonial Perspectives in Critical Animal Studies. Oxon: Routledge, 2020, p.1

⁴⁰ PEPETELA, op. cit., p.19



No entanto, o pastor-alemão que se movimenta pelas ruas de Luanda na obra de Pepetela já não tem esta função, é um cão libertado, independente e a sua presença muda a percepção social e cultural do povo e, tal como outros elementos associados ou trazidos pelo colonialismo, é ressignificado e incorporado como elemento local: “Agora és vadio, proletário. Mergulhaste no seio do povo explorado cinco séculos. Vais virar um tipo faine, um operariócamponês”⁴¹. Esta dimensão pós-colonial do cão é salientada também no capítulo em que um funcionário de uma repartição pública, provavelmente um antigo combatente, traz o cão para casa para o tornar num cão de guarda, mas o pastor-alemão, dotado de vontade e agenciamento próprio, recusa-se. Para o funcionário, que relata ao narrador os esquemas de corrupção em que está envolvido, o cão não aceita a função que o novo dono lhe quer impor por recusar o seu “passado colonial”: “O cão tinha masé um complexo de culpabilidade, porque tinha sido certamente utilizado pelos colonos para guardar as suas casas. Com a independência, compreendeu que estivera do lado errado. Agora exagerava, tudo por causa do seu complexo de culpa.”⁴² Pepetela explora com humor e ironia toda uma linguagem política própria da Angola independente e coloca o cão no cerne das novas relações pós-coloniais já que a carga colonial do passado é frequentemente desfeita pela natureza não domesticável que o pastor-alemão apresenta em várias interações com os humanos no presente narrativo. Por um lado o cão estabelece relações de afetividade com várias personagens, sugerindo assim a representação da cidade como espaço marcado por relações inter-espécies. Num dos episódio uma mulher anônima relata que o marido tinha encontrado o cão na rua e trazido para casa, estabelecendo com ele uma proximidade quase humana ao ponto de o cão interferir nas relações íntimas do casal: “Já era demais! Até na nossa vida íntima o cão já se metia. Não tive coragem de dizer ao Arnaldo, mas comecei a evitá-lo na cama.”⁴³

Por outro lado, o cão acaba por desaparecer da vida de todas as personagens que encontra, o que pode ser interpretado quer como um agenciamento do animal que

⁴¹ Idem, p.7

⁴² Idem, p. 14.

⁴³ Idem, p. 52



ultrapassa a vontade humana, quer como uma desconstrução do mito do amor incondicional que os humanos associam aos cães e aos animais de estimação em geral⁴⁴. No entanto, “o cão suscita sempre uma situação que as pessoas não esquecem. E quando falam do cão, explicam coisas interessantes.”⁴⁵ O cão surge, assim, como motor da narração, falar do cão acaba por significar falar da humanidade, o que sugere a relação constitutiva e essencial entre humanos e animais que, de facto, interagem, resistem e co-evoluem juntos⁴⁶.

Outro episódio especialmente significativo no que diz respeito à representação da cidade como lugar de relações inter-espécies é narrado no capítulo intitulado “Carnaval com Kianda”. O título evoca outras presenças não-humanas, já que na mitologia quimbundo Kianda é o espírito das águas, convocado na narrativa pelos cantos de um grupo de pescadores pobres que participam no Carnaval e ao contrário de outros grupos, aceitam integrar o cão nas suas danças: “O cão deu um salto, o resto do grupo rodeou o pastor-alemão, não o enxotou, esqueceu o público, o júri, a tribuna, integrou o ser terrestre no seu meio marítimo.”⁴⁷ É explícita, neste fragmento, a representação de um mundo de inter-conexões e alianças inter-espécies entre o cão escorraçado pelos outros grupos do Carnaval e os pobres pescadores da União Kianda da Corimba, que acabam por ganhar a competição popular. Este e os outros episódios do livro apontam para uma representação de Luanda como lugar marcado pelas relações inter-espécies e acabam por constituir um testemunho vivo da “rica vida social e cultural dos caninos”⁴⁸, já que a narrativa acompanha as mais variadas interações do cão. Assim, como defende Berger, olhar para o animal devolve-nos o olhar e neste retorno apercebemo-nos de semelhanças e diferenças entre humanos e não-humanos.⁴⁹

⁴⁴ HARAWAY, Donna. op. cit, p. 33.

⁴⁵ PEPETELA, op. cit. p. 99

⁴⁶ MARVIN, Garry; MCHUGH, Susan. In it together. An Introduction to Human-Animal Studies. In MARVIN, Garry; MCHUGH, Susan (eds.) *Routledge Handbook of Human-Animal Studies*. Oxon: Routledge, 2014, p. 1.

⁴⁷ PEPETELA, op.cit., p. 62

⁴⁸ STRUTHERS MONTFORD, Kelly; TAYLOR, Chloe. Op. cit., p.9

⁴⁹ BERGER, John. *Why Look at Animals?* London: Penguin Books, 2009, p. 5.



Há um outro elemento não-humano marcante nesta narrativa de Pepetela: os episódios relativos à vida do pastor-alemão são intercalados por fragmentos de um diário, grafado em itálico, intitulado “A buganvília”. Nestes fragmentos uma menina que mora no campo fala do seu cão Lucapa e de uma buganvília que cresce desmedidamente e acaba por sufocar outra planta trepadeira. No final da narrativa o cão ataca a buganvília e destrói-a, com a ajuda também de dois trabalhadores. Por um lado, esta narrativa paralela pode ser iluminada pela história colonial, sendo que a buganvília fez parte de todo um leque de plantas ornamentais que foram levadas provavelmente das Américas para as colônias em África e utilizadas para moldar as paisagens e os ambientes coloniais⁵⁰. O próprio nome da planta tem ligação ao imperialismo francês, pois deve-se ao conde Louis Antoine de Bougainville, figura de destaque da colonização do Canadá e das ilhas Falkland. Por outro lado, numa entrevista, Pepetela associa a buganvília às continuidades entre história colonial e pós-colonial, afirmando que “a um momento dado era a planta usada para fazer cercas, para impedir as passagens. Na minha cabeça, ficou ligada a um capitalismo que resistia em renascer de forma selvagem por mais que fosse impedido.”⁵¹

Assim, passados dez anos da independência de Angola, *O Cão e os Caluandas* pode ser considerado outra decliNação ecológica na obra de Pepetela pois o autor escolhe narrar a nação pós-colonial a partir de formas de vida e agenciamentos não-humanos e relações inter-espécies.

Habitar a guerra

Publicado duas décadas depois da independência de Angola, *Parábola do Cágado Velho* apresenta uma vertente ecológica na medida em que retrata os terríveis impactos da guerra civil na população angolana e no ambiente. Apesar de o título colocar em primeiro plano outro animal, com o qual o protagonista do romance

⁵⁰ WILLIAM, Beinart; MIDDLETON, Karen. Plant Transfers in Historical Perspective: A Review Article. *Environment and History* 10, 1 2004, p. 3–29. <http://www.environmentandsociety.org/node/3183>.

⁵¹ CASTRO, Fernanda. Entrevista a Pepetela. *Navegações*, 7(2), 209–213 <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2014.2.21054>, p. 212.



estabelece uma relação de proximidade e aliança inter-espécies, explorarei brevemente, nesta secção, um tropo ecocrítico diferente, que Garrard codifica com a palavra inglesa “dwelling”, podendo ser traduzida pelo verbo “habitar”, pois de acordo com o autor, ““Habitar” não é um estado transitório; implica antes a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho.”⁵² É, precisamente, esta forma de habitar que a guerra civil angolana foi destruindo ao longo de 27 anos, e que as personagens de *Parábola* procuram incansavelmente reconstituir, movendo-se pelo território do interior angolano à procura de novos lares. De acordo com o Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola de 2006, a guerra civil, que teve como alvo preferencial a população rural e a destruição de infra-estruturas sociais e económicas, sendo também responsável por uma massiva deslocação de populações, teve impactos elevados também nos níveis de produção agrícola e na atividade pecuária⁵³. O romance de Pepetela, como se verá, representa estas consequências e a desestruturação geral das formas de habitar o ambiente no mundo rural.

Outro aspeto que revela a dimensão ecológica da narrativa remete para uma das características do ambientalismo literário identificadas por Buell: “A noção de ambiente como um processo e não como uma constante ou um dado adquirido”⁵⁴. Encontramos esta noção de ambiente logo nas primeiras páginas do romance, quando o seu protagonista, Ulume, contempla o local onde vive, numa zona rural de Angola: “Ulume, o homem, olha o seu mundo. Por vezes a terra lhe parece estranha. Fica num planalto sem fim, embora se saiba que tudo acaba no mar. Chanas e cursos de água por toda a parte”⁵⁵.

Antes de representar a guerra civil, o romance, através da analepse e da incorporação da tradição oral, alude à guerra como um padrão histórico e repetitivo de longa duração, referindo as guerras pre-coloniais e os seus impactos nas formas de

⁵² Citação original: “Dwelling’ is not a transient state; rather, it implies the long-term imbrication of humans in a landscape of memory, ancestry and death, of ritual, life and work”. GARRARD, Greg. Op. cit., p. 117.

⁵³ Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola – MINUA 2006

⁵⁴ BUELL, Lawrence, op.cit. p. 7-8.

⁵⁵ PEPETELA. *Parábola do Cágado Velho*. Lisboa: Dom Quixote, 1996, p. 5.



habitar. Tanto os espaços – os *kimbos*- quanto as ações humanas, são descritos como sendo fruto de presenças e forças humanas e não-humanas, revelando ecossistemas complexos:

Nesta terra sempre passaram guerras (...) E combatiam nas chanas, nas florestas, na Munda central. Os exércitos lutavam mas também os espíritos, convocados pelos kimbandas dos dois lados. Ganhava um ou outro, o certo é que muita gente morria. Durante o tempo da guerra não se podia cultivar. Os celeiros ficavam vazios, a fome vinha. Tempos depois, o soba local cobiçava novos territórios. Os espíritos dos antepassados, incomodados na prisão das suas mahambas, limitados nas copas das árvores em que se abrigavam, exigiam espaço. Os ngomas de guerra soavam, jovens eram apanhados nos kimbos, lá ia o soba com seu exército ocupar a curva do rio ou a colina de mel apetecida. Regressava depois com os pobres despojos ou apenas os farrapos. E a fome, sempre à espreita, voltava.⁵⁶

Através do uso do pretérito imperfeito, que aponta para ações repetidas no passado, este fragmento ilustra as consequências duradouras e cíclicas das guerras em Angola, realçando de modo especial a destruição da vida humana, o impacto nas práticas tradicionais da agricultura e na ordem espiritual-natural das populações. As lideranças tradicionais, longe de ser idealizadas, são motivadas pelo poder e cobiça, e do mesmo modo as entidades espirituais participam da perturbação das tradições comunitárias.

Também a colonização e o tráfico de escravos são referidos como fenômenos de grande ruptura dos equilíbrios sócio-ambientais pois determinam o esvaziamento das aldeias, a fome e a constante deslocação do povo que “teimosamente continuava a existir”⁵⁷.

Apesar deste padrão cíclico de sofrimento e desequilíbrio, que produz uma erosão de longa duração no tecido cultural, social e ambiental angolano, a guerra civil é representada como uma ruptura ainda mais contundente. No romance, grupos de soldados dos dois exércitos em conflito visitam reiteradamente as aldeias, trazendo confusão junto da população e aproveitando-se dos poucos recursos, pois a alimentação dos militares torna-se uma tarefa extorcida às populações rurais. O

⁵⁶ Idem, p. 9

⁵⁷ Idem, p. 9.



narrador salienta este aspecto ao referir que os soldados “pediram comida”, “beberam maluvo”, “comeram funje com o cabrito”⁵⁸.

O episódio de um embate entre grupos dos dois exércitos e a explosão de uma granada desencadeiam um processo de divisão da comunidade rural. Num longo excerto, o narrador descreve um momento de debate e decisão coletiva sobre abandonar ou não o kimbo. A discussão entre os habitantes revela o impacto da guerra nas formas de habitar, pois de um lado há a necessidade de segurança física e alimentar; do outro, a vontade de preservação dos laços afetivos, familiares e espirituais com o território. Tal como a floresta de *Mayombe*, a montanha em *Parábola* – a Munda central – torna-se um espaço protetor e provedor de sustento e vida para a maioria dos habitantes do kimbo que decidem partir. No entanto, Ulume e a sua primeira esposa, Muari, numa primeira fase, resistem à mudança, pois para eles habitar o território significa sobretudo perpetuar os laços afetivos e identitários: para Muari, deixar o kimbo significaria romper com a esperança de reencontrar os filhos desaparecidos na guerra, tornando irreversível a perda; para Ulume significaria afastar-se do cágado velho, o animal que todos os dias a personagem encontra, observa e até interroga, estabelecendo e renovando um laço ancestral com o mundo não humano. No entanto, o progressivo esvaziamento do kimbo leva as duas personagens a tomarem a decisão de se mudarem para o chamado kimbo novo, situado no Vale da Paz onde, com a ajuda da comunidade, vão reconstruir as suas formas de habitar. A descrição do novo assentamento revela novamente uma noção de ambiente e do habitar como processos dinâmicos que resultam da relação entre ação humana e natureza.

Os primeiros tempos foram difíceis (...) Depois demarcar com os outros os terrenos para as nakas perto do rio e para as lavras nas encostas. Desmataram os terrenos, à força de machado, acumulando ao mesmo tempo muita lenha que alimentaria as fogueiras. Desmatar era trabalho dos homens. As mulheres se ocuparam imediatamente dos terrenos junto do rio, onde iam semeando os legumes, o feijão e o milho. Eram os terrenos mais ricos, de maior produtividade. Todas as semanas, Ulume e Munakazi iam ao kimbo velho, para colher a comida que estava nas lavras; parte para comerem, parte para semente. E só depois de ter

⁵⁸ Idem, p.22-23.



desmatado o suficiente, foi Ulume buscar ao kimbo velho as estacas de mandioca para plantar nas novas terras.⁵⁹

O fragmento realça o processo de reterritorialização e reconstrução da vida depois do deslocamento causado pela guerra, colocando em destaque a relação estreita entre as personagens e o ambiente. Por um lado, a descrição das tarefas, a divisão de trabalho entre homens e mulheres, e o uso dos recursos naturais – como a lenha acumulada e o cultivo nos terrenos férteis próximos ao rio – apontam para uma visão eco-materialista, onde a relação entre humanidade e natureza é mediada e reproduzida pelo trabalho, entendido como força natural que interage de forma dinâmica com outras forças naturais e com os materiais da própria natureza⁶⁰. Escreve, de facto, Marx, no primeiro livro do *Capital* que “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana”⁶¹.

Por outro lado, na perspectiva do “ambientalismo dos pobres”, a narrativa de Pepetela convida a refletir sobre a relação com o ambiente na lógica da resistência e da sobrevivência, e longe de uma romantização do ambientalismo enquanto abstracta e descontextualizada ideologia da preservação da natureza. De facto, como o romance demonstra, para as comunidades ruais angolanas empobrecidas e ameaçadas pela guerra civil, a relação com o ambiente está intimamente ligada ao direito à sobrevivência. Ao explorar o tropo ecocrítico do habitar, Garrard realça a necessidade de se desconstruirmos os mitos de matriz ocidental sobre uma suposta ligação ideal entre populações não europeias e o mundo natural, o mito que ele define de “Ecological Indian”, referido de modo especial às populações indígenas da América do Norte.⁶² Se por um lado *Parábola* contribui para desconstruir este mito em relação às populações africanas, por outro lado mostra-nos que o habitar é sempre um processo profundamente ecológico: o kimbo velho e o novo não ficam separados mas

⁵⁹ Idem, p. 27-28

⁶⁰ MURRONE, Paolo. Metabolismo ed ecologia. La frattura del ricambio materiale dall’ecomarxismo a Marx. *Consecutio Rerum*. Anno VIII, 15, p.151.

⁶¹ MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política* vol.I, São Paulo: Boitempo editorial, p. 167.

⁶² GARRARD, Greg. Op. cit., p. 129.



integram-se num ciclo de sustentabilidade, onde a terra antiga, apesar de abandonada, nutre a nova vida que vai ser construída. À luz da perspectiva do ambientalismo dos pobres, podemos interpretar estas práticas ecológicas das populações ameaçadas pela guerra como formas legítimas de luta ambiental, mesmo quando não articuladas em linguagem política ou ecológica convencional.

Outro fragmento significativo do ponto de vista da ecocrítica, é o da celebração da primeira colheita de milho no kimbo novo:

E o milho criou bandeiras. Todos se admiravam com o tamanho e a grossura delas. E o milho deu maçarocas, enormes. E as primeiras maçarocas foram colhidas e pela primeira vez se ouviram os pilões a trabalhar, naquele ritmo batucado sempre igual, de redenção. E para se comemorar o primeiro milho colhido no Vale da Paz se fez uma festa, com muito funji que outros chamam pirão e muita carne, pois um songue foi caçado pelo Armando, o mais hábil dos atiradores da aldeia. E dessa vez os batuques tocaram mais forte, se comeu e se bebeu com alegria, e se dançou toda a noite, mesmo os velhos de corpos entorpecidos.⁶³

Um novo ciclo ambiental é reinstaurado graças à agricultura camponesa que se configura como ato comunitário de conexão com o ambiente. Um ambiente, este, que aparece como processo e como modo de vida e componente fortemente identitária, e não apenas como recurso a ser explorado. O que os habitantes do novo kimbo celebram é toda uma economia moral de subsistência que recomeça a funcionar após a parálise, o exódo rural e a degradação ambiental causados pela guerra civil. Assim, o “Vale da Paz” torna-se um espaço físico e simbólico de regeneração ecológica e social que brota da autonomia e da coesão comunitária, funcionando também como espaço de recuperação dos ideais de justiça proclamados pela independência. Um espaço de oposição à devastação da guerra civil ou, por outras palavras, uma declinação ecológica da Angola pós-colonial.

A predação da vida

Publicado em 2005, *Predadores* percorre as mudanças políticas, económicas, culturais e sociais ocorridas em Angola desde a independência. De facto, o romance narra acontecimentos que se passam em diferentes momentos cronológicos,

⁶³ PEPETELA, op. cit., p. 67.



abarcando um arco temporal de quase trinta anos, entre 1974 e 2002, isto é, desde as vésperas da independência até ao fim da guerra civil. O romance inicia-se em setembro de 1992, ou seja, “nesses tempos conturbados de mudanças políticas, fim do regime de partido único e suspensão da guerra civil, seguidos de uma campanha eleitoral problemática”⁶⁴. Do ponto de vista da ambientação espacial, o palco principal é constituído por vários bairros da cidade de Luanda, com incursões noutros locais, em particular no planalto da Huíla, no sul de Angola. Luanda é logo apresentada como uma cidade marcada por profundas desigualdades sociais, que se refletem no tecido urbanístico. Ao acompanhar os movimentos da personagem de Nacib, espécie de anti-herói que se contrapõe ao protagonista-predador Vladimiro Caposso, encontramos a descrição do espaço urbano:

Do Alvalade para o Catambor, passando pela Marien Ngouabi, avenida importante e trepidante de vida, de vendedores ambulantes, de negócios e águas pútridas que provocavam buracos eternos no asfalto. Também a Ngouabi das brincadeiras, das lutas de gangues pertencentes a um lado e a outro da avenida, musseque contra cidade.⁶⁵

O excerto revela um cenário urbano caracterizado pela tensão entre a degradação ambiental e a intensidade da vida social. A referência às “águas pútridas” aponta diretamente para um ambiente contaminado e negligenciado pelo poder público. A água surge, aqui, como foco de deterioração e agente de destruição urbana, contribuindo para os “buracos eternos no asfalto”, aspecto que sugere tanto a erosão física quanto o abandono sistémico. A avenida Marien Ngouabi, descrita como trepidante de vida, evoca a resiliência humana e a vitalidade comunitária apesar do ambiente degradado. A presença de “vendedores ambulantes” e “negócios” sublinha uma economia de sobrevivência, frequentemente típica de contextos urbanos do Sul Global, onde populações marginalizadas ocupam espaços negligenciados, adaptando-se à precariedade.

O trecho ainda contrasta musseque e cidade, isto é, dois espaços que evocam uma divisão socioespacial de matriz colonial que revela a persistência da colonialidade no espaço urbano luandense. O “musseque” é tradicionalmente associado à

⁶⁴ PEPETELA. *Predadores*. Lisboa: Dom Quixote, 2005, p.4

⁶⁵ Idem, p. 17



informalidade, à exclusão e à maior exposição a riscos ambientais, como revela mais uma descrição do narrador:

Estava tão habituado que nem notava o cheiro nauseabundo que se evolava do bairro, vindo das fossas a céu aberto que se transformavam em regatos acompanhando os caminhos e do lixo acumulado aos montes à espera de uma hipotética camioneta. As casas de blocos de cimento ou de tijolo, minúsculas, estavam unidas a autênticos tugúrios de chapas e papelão, misturados a todos os materiais possíveis existentes na construção civil para tapar buracos, criar paredes ou inventar tectos. Em todas chovia, evidentemente. Felizmente a chuva era rara em Luanda.⁶⁶

Assim, o texto denuncia a injustiça ambiental e social, revelando a íntima ligação entre degradação do ambiente e marginalização social. Luanda, em constante movimento, é representada como ecossistema urbano desigual, onde os impactos ecológicos refletem estruturas de poder, exclusão e resistência. Nesta perspetiva, são emblemáticas duas personagens secundárias do romance, Kasseke e Manuel, dois meninos que sobrevivem na cidade dormindo numa sarjeta perto da avenida Marien Ngouabi. Graças à solidariedade de Nacib, Kasseke passa a poder tomar banho em casa dele, enquanto que Manuel, rejeitado pela família por ser considerado feiticeiro, acaba por morrer de uma doença que Kasseke define de “estranha”, mas que sugere a materialização no corpo da degradação ambiental:

Lhe rebentaram borbulhas por todo o corpo, se transformaram em chagas. Kasseke levou-o ao hospital mais próximo, mas este estava todo cheio, mesmo os corredores com doentes deitados, não havia sítio onde pudesse ser internado, receitaram apenas medicamentos e mandaram-no embora para a sarjeta. Kasseke comprou os medicamentos com os poucos kwanzas que acumulou mas de pouco adiantou, Manuel morreu dias depois. Até hoje Kasseke não crê em causas naturais para a morte de Manuel. Acusado de feitiçaria pela própria família, Manuel deve ter sido vítima dela. (...) Borbulhas aparecerem assim, virarem ferida num instante, todo o corpo? Nunca vi isso. Nem o médico que lhe consultou, ele estava mesmo admirado, os medicamentos que receitou foram só para esconder a ignorância do doutor, morte muito estranha.⁶⁷

O fragmento ilustra, de facto, a interseção entre a degradação ambiental e a vulnerabilidade dos corpos marcados por desigualdades sociais. A descrição da morte

⁶⁶ Idem, p. 19

⁶⁷ Idem, p. 215



de Manuel, cujo corpo é rapidamente consumido por feridas misteriosas, pode ser relacionada à sarjeta onde dormia, possivelmente contaminada por resíduos industriais, água poluída ou outras formas de toxicidade invisível, frequentes em contextos de negligência ambiental e injustiça socioeconômica. A etiologia "estranha" da morte expõe um corpo vulnerável não só à doença, mas à ignorância médica, ao abandono institucional e à estigmatização cultural, isto é, formas de violência que se entrelaçam com os efeitos de uma crise ambiental não nomeada, mas presentificada na carne que apodrece, pois o corpo de Manuel torna-se um lugar onde se inscrevem as múltiplas camadas da vulnerabilidade: ecológica, médica, social e simbólica. Embora a doença e a morte de Manuel sejam descritas como súbitas, as suas causas podem inscrever-se naquilo que Rob Nixon definiu de "slow violence" – violência lenta – isto é, "uma violência que ocorre gradualmente e fora do alcance da vista, uma violência de destruição retardada que se dispersa no tempo e no espaço, uma violência atentatória que normalmente não é vista como violência de todo"⁶⁸. Se por um lado a personagem de Manuel é especialmente emblemática da violência lenta, na realidade todo o romance, como o título indica, é percorrido por uma violência generalizada que se traduz na predação da vida. Esta violência é constituída, principalmente, pela força onnipresente de lógicas e práticas capitalistas que se foram infiltrando no tecido da sociedade angolana como resíduos coloniais constantemente reinventados mesmo em tempos de socialismo revolucionário. A trajetória do protagonista do romance, Vladimiro Caposso, que constitui o eixo principal da narrativa, ilustra, precisamente, este aspeto: a presença obsidiante do capital e as suas transformações ao longo de trinta anos. Uma presença que é inicialmente disfarçada, durante os anos da economia socialista planificada, e que se foi gradualmente afirmando como força manifesta com a abertura para a economia de mercado até chegar à implantação de um capitalismo selvagem e incontrolado na era neoliberal. Os predadores do título são as elites económicas e financeiras – muitas vezes elites políticas e de partido reconvertidas –

⁶⁸ Citação original: "a violence that occurs gradually and out of sight, a violence of delayed destruction that is dispersed across time and space, an attritional violence that is typically not viewed as violence at all". NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge: Harvard University Press, p. 2.



“em via de acelerado enriquecimento, que se beneficia dos espaços abertos pelas políticas de liberalização e privatização”⁶⁹. A trajetória capitalista de Vladimiro Caposso inicia-se ao receber do comerciante português Sô Amílcar a antiga loja colonial e a casa anexa. Desde então, a ascensão da personagem passa pela proliferação de atividades políticas e sobretudo económico-financeiras que o colocam como elo de continuidade entre o passado colonial e as lógicas neo-coloniais e neo-imperiais, pois o principal objetivo de Caposso é acumular capital e guardá-lo fora do país. Assim, *Predadores* é uma crítica profunda à ação do capital em Angola: a multiplicação de negócios procurada e atuada por Caposso aponta para aspetos chave salientados pela ecologia social, em particular, a noção de escassez como função do capital e da lógica da procura e oferta⁷⁰. De facto, numa sociedade flagelada pelo capitalismo selvagem como é a sociedade angolana tudo pode transformar-se em negócio. Um dos episódios mais emblemáticos, no romance, diz respeito à luta pela água travada pelos pastores na Huíla contra a privatização de um lago. Trata-se de um episódio que se inscreve nas chamadas “guerras da água”, de acordo com uma célebre formulação de Vandana Shiva, ativista e estudiosa que define a crise da água como “a dimensão mais generalizada, mais grave e mais invisível da devastação ecológica da Terra”⁷¹. Shiva analisa como em vários contextos a abundância da água é transformada em escassez, ilustrando também como os processos de privatização – estatais ou do mercado – negam às populações o direito à água, um direito que a ativista define de “natural”, isto é, não derivado do Estado, mas evoluindo a partir de um determinado contexto ecológico da existência humana.⁷²

As guerras da água são representada no romance pois Caposso decide construir uma fazenda na Huíla, no sul de Angola, num território frequentado pelos pastores. A propriedade, cercada por arame farpado, barra a passagem aos pastores e às suas manadas de bois. Além disto, Caposso constrói na fazenda uma piscina alimentada pela água oriunda do rio Culala, apossando-se literalmente das fontes de água: “Fora

⁶⁹ ERCOLESSI, Cristina. *L'Angola independente*. Roma: Carocci, 2011, p. 100-101.

⁷⁰ GARRARD, op. Cit., p 31.

⁷¹ SHIVA, Vandana, *Water Wars*. Privatization, Pollution and Profit. Berkeley: North Atlantic Books, 2016, p.31.

⁷² Idem, p. 48.



este regato, tão antigo que até nome tinha, Culala, que Caposso secara ao construir a pequena represa e o lago artificial. Não havia outro num raio de muitos quilómetros. Quando chovia, sim, apareciam uns regatozitos, mas de pouca duração”⁷³

Com a ajuda de uma ONG e de um advogado, antigo conhecido de Caposso, os pastores, à custa de muita luta, conseguem negociar a remoção do arame farpado e reconquistam a passagem. Também a água torna a ser acessível e já não propriedade privada de Caposso. No entanto, as consequências do abuso da privatização não deixam de afetar o ecossistema, como mostra a seguinte passagem:

Também refizeram o leito do rio Culala ao destruírem a represa que retinha as águas, mas a queda de água já não era a mesma, desfeada pelos blocos de cimento que sobraram da represa (...) Mesmo assim, quando a represa foi aberta, uma grande parte da água retida no lago correu por ali abaixo e galgou o antigo leito do riacho que de facto por umas horas foi um verdadeiro rio, como o Caculuar em tempo das maiores cheias. Não houve mortos, a população estava avisada, mas muitas lavras desapareceram com a força da corrente, assim como algumas cabeças de gado e durante tempos as chanas das margens ficaram inundadas.⁷⁴

Este trecho retrata mais um episódio de violência ambiental que se inscreve na lógica da violência lenta, pois os efeitos da privatização do território e da água operam na longa duração afetando os espaços, portanto, uma violência que aos olhos do poder permanece invisível. O dismantelamento da represa e a subsequente liberação descontrolada da água transformam-se, aqui, num ato emblemático de destruição ambiental que atinge diretamente as comunidades locais. Sob a lente da ecocrítica, este episódio articula natureza e cultura como dimensões inseparáveis. A modificação forçada do curso do rio Culala e a destruição da represa revelam não apenas uma alteração ecológica, mas uma reconfiguração forçada do imaginário da paisagem: o rio agora apresenta-se como ruína de si mesmo, "desfeado pelos blocos de cimento". A ausência de mortos, aqui mencionada quase como consolo, não anula a violência estrutural do acontecimento. A catástrofe, embora não espetacular no sentido midiático, desencadeia perdas concretas — económicas, territoriais, ecológicas e simbólicas — que se acumulam silenciosamente sobre os ombros das populações

⁷³ PEPETELA, op. cit., p. 84

⁷⁴ IDEM, p.241.



rurais. Esta forma de violência silenciosa opera por erosão contínua das bases da vida coletiva, e sua “lentidão” apenas reforça o apagamento político de seus impactos. Assim, o fragmento revela a urgência de considerar os saberes ecológicos tradicionais e de promover uma justiça ambiental que reconheça o direito à terra, à água e à dignidade de comunidades historicamente vulnerabilizadas. Também neste episódio, regista-se a continuidade entre o passado colonial e o presente neoliberal: o arame farpado materializa esta continuidade pois era antigamente utilizado pelo colonos para vedarem as terras aos pastores tradicionais, como comenta a personagem de Bernardino Chipenguela, fundador da ONG lembrando os primeiros comícios do MPLA na região: “Era preciso acabar com o arame farpado. Tinha sido uma reclamação antiga dos criadores tradicionais de gado, que viam os seus pastos serem ocupados pelos colonos. E sobretudo os caminhos para a transumância serem cortados pelas intransponíveis barreiras de arame farpado que os fazendeiros iam implantando”.⁷⁵

Assim, *Predadores* constitui uma outra declinação ecológica na obra de Pepetela por representar a infiltração do capital e os seus impactos devastadores em múltiplos aspetos e setores da sociedade angolana pós-independência, desde os tempos do socialismo revolucionário até ao presente da narração.

Conclusões

A análise ecocrítica das obras de Pepetela levada a cabo neste artigo evidencia que os problemas ecológicos, em sentido amplo, são uma parte relevante do projeto literário deste autor que não se limita a tematizar o ambiente como pano de fundo narrativo, mas inscreve-o como elemento estruturante da sua visão literária da nação. Ao longo de mais de duas décadas de produção literária — desde *Mayombe* até *Predadores* — Pepetela constrói uma constelação de representações ambientais que interpelam diretamente os contextos históricos, políticos e sociais de Angola antes e depois da independência. Tais representações, longe de abstrações idealizadas ou de meros recursos estilísticos, funcionam como expressões de resistência, de crítica e de

⁷⁵ IDEM, p. 81.



imaginação política que desafiam as hegemonias da ecocrítica canônica ocidental, centrada frequentemente em experiências do Norte Global.

A figura da floresta viva e atuante, em *Mayombe*, inaugura uma concepção da natureza como aliada ativa da luta de libertação nacional. Ao atribuir agência à mata e ao articular a sua ação simbiótica com os guerrilheiros, Pepetela antecipa o que hoje se entende por um paradigma multiespécie da ecocrítica. A floresta é sujeito histórico e não mero cenário, participando da construção da nação e contribuindo com alimentos, proteção e orientação espiritual. O conceito de “proximidade” proposto por Cajetan Iheka — que privilegia a continuidade entre seres humanos e não-humanos — revela-se central para compreender a fusão entre corpo vegetal e corpo humano neste romance. O ambiente, neste caso, é simultaneamente refúgio, espaço político, agente simbólico e entidade sagrada.

Esse mesmo paradigma multiespécie ganha contornos diferentes — mas não menos críticos — em *O Cão e os Caluandas*. Ao colocar um cão pastor-alemão no centro da narrativa e ao fazer dele testemunha e motor de transformação da sociedade pós-colonial, Pepetela desafia a hierarquia antropocêntrica que ainda domina muitas leituras literárias. O cão, figura ambígua de colonialismo e libertação, encarna a complexidade das transições políticas e sociais em Angola. A “presença multi-espécie” e as “relações inter-espécies” teorizadas por Iheka são aqui fundamentais, pois o cão revela-se como um elo simbiótico entre os humanos e as múltiplas formas de vida urbana. Tal como defende Donna Haraway, os cães são “alteridades significativas”, capazes de devolver ao humano o olhar da própria condição. Esta visão recusa tanto a idealização romântica do animal quanto a sua instrumentalização, propondo, ao invés, uma ética de convivência, partilha e resistência comum.

Com *Parábola do Cágado Velho*, Pepetela desloca o foco da ecologia política urbana para a rural, representando a guerra civil angolana como uma força de desarticulação ecológica e social. A guerra, como tropo ecológico, interrompe formas ancestrais de habitar o mundo, arranca os corpos das suas paisagens de memória e destrói os circuitos tradicionais de subsistência. No entanto, a resposta das comunidades — o gesto coletivo de reconstruir um novo kimbo — articula o ambiente como processo,



como espaço de regeneração e resiliência. Neste sentido, o romance aproxima-se das formulações de Lawrence Buell, para quem o ambiente deve ser lido como parte constituinte do tecido narrativo e não como pano de fundo. Além disto, Pepetela introduz a ideia de um *habitar resistente*, onde o ambiente é recriado como um bem comum, em oposição à sua mercantilização e destruição.

Essa mercantilização atinge o seu auge em *Predadores*, onde a cidade de Luanda e o planalto da Huíla são simultaneamente palcos da predação capitalista e espaços de resistências. O romance representa as guerras da água, e neoliberalização de bens comuns, a erosão do espaço público e a degradação silenciosa das populações mais vulneráveis. A violência que permeia a narrativa é, como vimos, uma “violência lenta”, isto é, uma destruição contínua, não espetacular e por isso frequentemente invisibilizada. As consequências da privatização do rio Culala são efeitos diretos da lógica extrativista que transita do colonialismo para o neoliberalismo, apenas trocando os protagonistas do poder. Como sublinha Vandana Shiva, a escassez é produzida quando o comum se torna propriedade privada, e é isso mesmo que Pepetela denuncia, ao mostrar que o acesso à água, à terra e ao ambiente está no centro da luta pela justiça.

Deste modo, a obra de Pepetela desafia as perspectivas universalistas da ecocrítica ocidental ao inscrever a crise ecológica no interior de lutas históricas, económicas e culturais específicas do Sul Global. As declinações ecológicas que o autor constrói são modos de historicizar a natureza, de relacionar o ambiente com o colonialismo, o capitalismo, a guerra e a sobrevivência. O “ambientalismo dos pobres” é aqui essencial para entender que as formas de resistência ecológica nas literaturas africanas nem sempre se articulam em vocabulários ambientalistas convencionais, mas são profundamente políticas e enraizadas em lógicas de subsistência, reciprocidade e cuidado com o território. Além disso, o artigo mostra que Pepetela contribui para a descentralização do cânone das literaturas ambientais. O projeto literário deste autor proporciona não apenas retratos da devastação ecológica, mas também cartografias alternativas de convivência e co-resistência.



Em conclusão, ao representar o ambiente como campo de disputa política e simbólica, e ao privilegiar a experiência dos sujeitos historicamente marginalizados, a obra de Pepetela afirma-se como um laboratório literário para a ecocrítica pós-colonial. Através da floresta que luta, do cão que observa, das comunidades que resistem e do capital que devora, as suas narrativas tornam-se arquivos vivos de um pensamento ecológico angolano, africano e planetário, ainda por ser plenamente reconhecido e valorizado nos estudos literários e ambientais.



Referências bibliográficas

- AGUIAR, Adriana “Quando a violência colonial ecoa nas folhas da floresta e nas páginas literárias: Mayombe de Pepetela”, *Abril- Revista do NEPA-UFF*, vol. 10, n.20, 2018, p. 91-108. <http://dx.doi.org/10.22409/abriluff.2018n20a479>, acessado a 16/04/2025
- BERGER, John. *Why Look at Animals?* London: Penguin Books, 2009
- BIRMINGHAM, David. *Portugal and Africa*. Houndmills: Macmillan Press, 1999
- BUELL, Lawrence. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture*. London: Princeton University Press, 1995
- CAMINERO-SANTANGELO, Byern. *Diferente Shades of Green: African Literature, Environmental Justice, and Political Ecology*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2014
- CAN, Nazir. *African Literatures in the Portuguese Language: Singularities*. *The Cambridge Journal of Postcolonial Literary Inquiry* 10, 2, 2023, p. 148-161
- CASTRO, Fernanda. *Entrevista a Pepetela*. *Navegações*, 7(2), 209-213 <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2014.2.21054>
- CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia (org.) *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009
- CLARENCE-SMITH, Gervase. *The Third Portuguese Empire, 1825-1975: a study in economic imperialism*. Manchester: Manchester University Press, 1985
- DELOUGHREY, Elizabeth; HANDLEY, George B. *Postcolonial Ecologies. Literatures of the Environment*. Oxford: Oxford University Press, 2011
- EAGLESTONE, Robert. *Doing English: A Guide for Literature Students*. Oxon: Routledge, 2000
- ERCOLESSI, Cristina. *L'Angola independente*. Roma: Carocci, 2011
- FALCONI, Jessica. *Para além da Nação? Outras Declinações nas literaturas africanas de língua portuguesa*. *Abriu* 10, 2021, p. 9-38, disponível em <https://revistes.ub.edu/index.php/Abriu/article/view/36786>
- FALCONI, Jessica. *Águas pós-coloniais em romances angolanos e moçambicanos*. *Caligrama* 29, 1, 2024, p.75-86, disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/53926/44748>
- GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. Oxon: Routledge, 2012
- GUHA, Ramachandra; MARTÍNEZ ALIER, Joan. *Varieties of Environmentalism. Essays North and South*. Oxon: Routledge, 1997
- HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003
- HEYWOOD, Linda. *Contested Power in Angola, 1840s to the Present*. Rochester: University of Rochester Press, 2000
- HUGGAN, Graham; TIFFIN, Helen. *Postcolonial Ecocriticism. Literature, Animals, Environment*. Oxon: Routledge, 2010
- IHEKA, Cajetan. *Naturalizing Africa: Ecological Violence, Agency and Postcolonial Resistance in African Literature*. Cambridge: Cambridge University Press
- MACÊDO, Tânia. *Luanda. Cidade e Literatura*. São Paulo: Unesp, 2008
- MARQUES, Rafael. *Diamantes de Sangue. Corrupção e Tortura em Angola*. Lisboa: Tinta da China, 2011
- MARVIN, Garry; MCHUGH, Susan. *In it together. An Introduction to Human-Animal Studies*. In MARVIN, Garry; MCHUGH, Susan (eds.) *Routledge Handbook of Human-Animal Studies*. Oxon: Routledge, 2014, p. 1-9
- MARX, Karl. *O Capital. Crítica da Economia Política vol.I*, São Paulo: Boitempo editorial
- MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana – o caso de Pepetela*. Lisboa: Colibri, 2012
- MURRONE, Paolo. *Metabolismo ed ecologia. La frattura del ricambio materiale dall'econ marxismo a Marx*. *Consecutio Rerum*. Anno VIII, 15, p. 135-160, disponível em <https://www.consecutio.org/wp-content/uploads/2024/05/6.pdf>, acessado a 4/06/2025
- NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge: Harvard University Press
- OJAIDE, Tanure. *Contemporary African Literature: New Approaches*. Durham: Carolina Academic Press, 2012
- PEPETELA, Mayombe. *Lisboa: Dom Quixote (5ª edição)*, 1993



- PEPETELA, O Cão e os Caluandas. Lisboa: Dom Quixote (5ª edição), 2006
- PEPETELA. Predadores. Lisboa: Dom Quixote, 2005
- Relatório do Estado Geral do Ambiente em Angola – MINUA 2006, disponível em <https://wipolex-resources-eu-central-1-358922420655.s3.amazonaws.com/edocs/lexdocs/laws/pt/ao/ao009pt.pdf>, acessado a 2/06/2025
- ROTHWELL, Phillip. *Pepetela and the MPLA: The Ethical Evolution of a Revolutionary Writer*. Cambridge: Legenda, 2019
- SHIVA, Vananda, *Water Wars. Privatization, Pollution and Profit*. Berkeley: North Atlantic Books, 2016
- SCHURMANS, Fabrice. *O Trágico do Estado Pós-colonial*. Pius Ngandu Nkashama, Sony Labou Tansi, Pepetela. Coimbra: Almedina, 2014
- STRUTHERS MONTFORD, Kelly; TAYLOR, Chloe. *Colonialism and Animality. Anticolonial Perspectives in Critical Animal Studies*. Oxon: Routledge, 2020
- WALLER, Thomas. *The Blue Cultural Fix: Water-Spirits and World-Ecology in Jorge Amado's Mar Morto and Pepetela's O Desejo de Kianda*. *Humanities* 9, 72, 2020, p.1-14
- WENZEL, Jennifer. *Forest Fictions and Ecological Crises. Reading the Politics of Survival in Mahasweta Devi's "Dhowli"*. In DELOUGHREY, Elizabeth; HANDLEY, George B. *Postcolonial Ecologies. Literatures of the Environment*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 136-155
- WILLIAM, Beinart; MIDDLETON, Karen. *Plant Transfers in Historical Perspective: A Review Article*. *Environment and History* 10, 1 2004, p. 3-29. Disponível em <http://www.environmentandsociety.org/node/3183>. Acessado a 30/05/2025
- ZAPF, Hubert. *Literature as Cultural Ecology. Sustainable Texts*. London: Bloomsbury, 2016



Independence from an Ecocritical Perspective: Ecological Declinations in the Work of Pepetela

Abstract: The article presents an analysis from an ecocritical perspective of a set of works by Angolan author Pepetela, namely *Mayombe* (1980), *O Cão e os Caluandas* (1985), *Parábola do Cágado Velho* (1996) and *Predadores* (2005), thus covering a time span of two and a half decades, which corresponds to half the time that has passed since Angola's independence to the present day. Using the analytical models and theoretical perspectives of various ecocritical scholars, the article analyses the four narrative works mentioned in order to show that Pepetela sees the environment and ecological problems as key elements in the representation of the Angolan nation and the challenges it has faced since independence.

Keywords: Ecocriticism – Angolan fiction – Pepetela.

Recebido: julho/2025

Aprovado: novembro/2025.